



A ICONOGRAFIA A SERVIÇO DA INICIAÇÃO À FÉ CRISTÃ

Iconography at The Service of Initiation to the Christian Faith

Douglas da Silva Silveira¹

RESUMO: A iconografia é uma arte que foi muito desenvolvida na Igreja Oriental e está profundamente ligada à fé cristã. Ao longo da história da Igreja, o Ocidente tomou outros rumos no campo da arte devido ao seu desenvolvimento cultural. Este artigo traça um caminho de aprofundamento nas características da iconografia e de como a mesma pode servir à fé cristã em todas as partes do mundo. É vantajoso para um cristão que, desde o berço, receba a espiritualidade da iconografia e possa absorver essa rica forma de transmitir a fé. Em contrapartida, nunca é tarde para os cristãos, que iniciam mais tarde o processo de adesão à fé, usarem a iconografia como aliada. A iconografia serviu e serve a Igreja em todos os níveis e aspectos que o caminho da fé proporciona a cada pessoa. Trata-se de uma centelha do desejo do ser humano pelo divino e, como afirmam muitos santos e iconógrafos, é também uma janela para a eternidade. Estar diante de um ícone é ter uma experiência completa da fé, pois a iconografia mostra o caminho pelo qual o cristão deve seguir em sua vida e o futuro que o espera. A partir da iconografia, a terra e os céus se encontram, pois Deus permite que o cristão abra os olhos da fé para contemplar Sua beleza e perfeição.

PALAVRAS-CHAVE: Iconografia; Arte Sacra; Oriente; Ocidente; Liturgia.

ABSTRACT: Iconography is an art that has been highly developed in the Eastern Church and is deeply intertwined with the Christian faith. Throughout the history of the Church, the West has taken different paths in the field of art due to its cultural development. This article delineates a path of deepening understanding regarding the characteristics of iconography and how it can serve the Christian faith across the globe. It is advantageous for a Christian to receive the spirituality of iconography from infancy and absorb this rich means of transmitting faith. Conversely, it is never too late for Christians, who embark on the process of faith later in life, to utilize iconography as an ally. Iconography has served and continues to serve the Church at all levels and aspects that the path of faith offers to each individual. It is a spark of humanity's longing for the divine, and, as many saints and iconographers assert, it is also a window to eternity. Standing before an icon is a complete experience of faith, as iconography shows the path that a Christian must follow in life and the future that awaits. Through iconography, the earth and heavens converge, as God allows the Christian to open the eyes of faith to contemplate His beauty and perfection.

KEYWORDS: Iconography; Sacred Art; East; Western; Liturgy.

¹ Especialista em Arquitetura e Arte Sacra do Espaço Litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: douglas.misacor@gmail.com

A iconografia religiosa faz parte do conjunto de obras que compõem a arte sacra e existe desde os primórdios do cristianismo. Como obra religiosa, iniciou-se na Igreja do Oriente, mas, ao longo da história, foi adquirindo novas formas de escritura a partir da assimilação das diferentes culturas. Os Concílios da Igreja asseguraram a autenticidade que esse estilo artístico atingiu para a vida do cristão. Sendo assim, esse artigo tem por objetivo traçar um caminho de aprofundamento a respeito das características da iconografia e de como a mesma pode servir à fé cristã em todas as partes do mundo.

Depois da primeira leitura ocidental do Cristo Pantocrátor² no ícone *Majestas Domini*, o Cristo da Idade Média, a iconografia foi se misturando na cultura ocidental. Atualmente a iconografia vem tomando cada vez mais espaço e formas diversificadas. Conforme a realidade litúrgica atual, esse trabalho justifica-se por discutir como a iconografia pode contribuir para a fé cristã da Igreja do Ocidente e, principalmente, na utilização de um estilo artístico que veio de uma outra tradição. A iconografia não será considerada aqui como arte de devoção religiosa, mas como uma arte sacra que contribui para a fé da comunidade.

Há estudos sobre os diversos tipos de imagens que compõem o ambiente religioso e isso pode ajudar a resolver melhor a relação entre construção de igrejas e arte sacra. No ambiente eclesial, a arte sacra está presente, mas muitas vezes não respeita a finalidade de comunicar a fé e de ser um elemento intermediário entre Deus e o ser humano. Existem artistas que introduzem sua arte, no espaço litúrgico, de uma forma idolátrica e isso não corresponde à fé cristã.

Ao nosso ver, a imagem que melhor consegue fazer a ponte com o transcendente é a iconografia, visto que, para a teologia do Oriente, aquele que reza diante dela com fé pode ser santificado e é capaz de se formar como cristão, assim como também se forma quem se deixa envolver pelas Sagradas Escrituras. A veneração iconográfica para os cristãos orientais exige participação com as pessoas celestes³.

Ao contrário do mundo oriental, a cultura ocidental é mais inclinada para as imagens tridimensionais, mas a iconografia tem se incorporado a ela como uma novidade, ao menos no Brasil. A fé cristã também surgiu como uma novidade no meio dos povos

² “Aquele que tudo governa [...] ícone central da iconografia do interior da igreja bizantina, aparecendo geralmente debaixo da cúpula centro ou da abside. Representa o Cristo que tudo domina e governa, Rei do céu e da terra. Tem formas diversificadas”. SCHILLER, S. *O sacrifício de louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2020, p. 197. Para mais definições, confira o Glossário Litúrgico Bizantino presente na referida obra entre as páginas 191-199.

³ PLAZAOLA, J. *Arte sacro actual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006, p. 307-313.

pagãos, judeus e de outras religiões durante o tempo de Jesus de Nazaré e dos Apóstolos, o que significa dizer que ela surge tanto de uma experiência pessoal com o Cristo Ressuscitado quanto da vivência eclesial. Portanto, a iconografia está gradualmente se integrando à base da Igreja em nossa realidade eclesial, proporcionando uma oportunidade para abraçar o novo e descobrir o Deus oculto na arte iconográfica. As pessoas podem se agarrar à fé adquirida no seio familiar e nas experiências comunitárias, e a iconografia comunica que o centro de tudo é o Cristo Ressuscitado, Rei do Universo.

1. Características da iconografia

A iconografia é uma maneira de produzir imagens sagradas. Tem como pátria o Oriente bizantino com ícones de nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Mãe de Deus, dos anjos, dos santos e de outros temas religiosos. Embora o Antigo Testamento tenha proferido advertências quanto ao uso e adoração de imagens, a encarnação do Filho de Deus criou a imagem do Deus invisível e aí também nasceu a possibilidade de, a partir da iconografia, revelar a figura oculta do divino no meio das pessoas, pois Deus ao se fazer carne se fez também imagem.

O ícone de Jesus Cristo tem uma dimensão teândrica, ou seja, reúne em si as duas naturezas de Cristo. A partir de nosso Salvador é possível também criar ícones dos santos, pois o ser humano foi recriado profundamente à imagem de Deus. O ícone transmite a verdadeira imagem do homem que foi purificado e transfigurado pelo Reino de Deus⁴. Para que a iconografia atinja o objetivo de transmitir a plenitude invisível, foi necessário criar algumas regras que se tornaram normas à tradição iconográfica.

A pintura de ícones não admite sensualidade nas imagens que são formais, abstratas, esquemáticas, não são mais que cores e formas. Um ícone não conhece as três dimensões, ele não tem profundidade, mas se contenta como a pintura egípcia, com uma representação plana e de uma perspectiva inversa, o que exclui a sensualidade e leva à predominância das formas e das cores e de seu simbolismo. Eis a razão porque os meios artísticos da pintura dos ícones têm uma caráter ascético, pois não pode conter sensualidade nem deleite carnal, é uma pintura severa e séria⁵.

A iconografia pode ter um caráter didático para a religião, mas sua função primordial, depois de abençoada, é ser um sacramental, ou seja, um auxílio na vida espiritual do

⁴ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 15-18.

⁵ TOMMASO, W. S. de. *A imagem no cristianismo*. Disponível em: <https://www.academia.edu/15107260/>. Acesso em: 02 out. 2023, p. 15.

cristão que se coloca diante de um ícone com respeito e fé. A iconografia propõe um encontro com aquele que está sendo representado e quanto mais se olha, mais a pessoa busca imitar suas virtudes na graça do Espírito. Sendo assim, a iconografia se caracteriza por propiciar um ambiente de oração. É uma janela para a eternidade e os seus contempladores se preenchem com a luz da glória celeste.

O ícone se afirma para além do artista e da emoção do espectador, pois elucida a vinda do transcendente e a obra torna-se uma manifestação de Deus. Apesar de a intenção desse primeiro ponto do artigo ser investigar as características da iconografia, os cristãos orientais ensinam que para fazer uma profunda experiência diante de um ícone é preciso não descrevê-lo para outrem, pois aquele que a contempla pode descobrir por conta própria do que ou quem se trata, em seus vários aspectos. Sendo assim, faz-se necessário criar um ambiente de recolhimento e, no silêncio, os olhos abrir-se-ão para a luz da transfiguração e da verdade divina⁶.

A iconografia é uma produção artística e naturalmente uma manifestação religiosa, porque toda arte manifesta valores que ultrapassam as experiências imediatas da vida. Quando se fala em arte, pode-se dividir entre arte profana e sagrada, mas a iconografia é classificada no antagonismo entre arte religiosa e arte sacra. Sem um juízo de valor, a primeira se dá mais a partir de uma experiência pessoal e manifesta muito mais o sentimento do artista. A arte religiosa não tem a preocupação com a essência da fé, da vida da Igreja e dos seus ministérios. Pastro (1999) até recomenda que uma arte religiosa ficaria muito bem numa casa, sala, quarto ou associação.

Em contrapartida, a segunda arte vem do transcendente e se dirige à transcendência. Supõe-se também a consciência comunitária, litúrgica e o artista é o Espírito Santo. Sendo assim, a característica essencial da iconografia é ser uma arte sacra que manifesta aquele que reina em todo o universo. A arte sacra é um prolongamento do Mistério da Encarnação, da descida do Divino no humano e o artista não se submete a pintar a realidade do corpo humano, da natureza e das vestes. Então, a iconografia tem valor sacramental, pois sendo simbólica, é um sinal de união. Ela é a imagem do invisível e leva os cristãos a contemplação⁷.

A iconografia faz parte da vida dos cristãos orientais e são vários os autores que escrevem sobre a experiência de rezar diante de ícones. Os escritores destacam que essa

⁶ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 18-21.

⁷ PASTRO, C. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 82-83.

veneração transfere a pessoa, em espírito, para uma dimensão além daquilo que está sendo representado no ícone, pois a sua beleza ultrapassa a beleza de uma obra de arte e revela a beleza da Verdade. Para tanto, é exigido uma maturidade espiritual para que o ícone não seja simplesmente uma representação sagrada, mas lugar de presença divina, como uma aparição do Cristo, da Santíssima Mãe de Deus e dos Santos, baseando-se na fé dada pela Igreja. Além do mais, o ícone não é um retrato, mas um protótipo da futura humanidade transfigurada e fim último da criação⁸.

O ícone possibilita a capacidade de representação da *kenosis* de Deus da *theosis* do homem. O encontro com o ícone responde aos problemas do nosso tempo, de um mundo fechado e secularizado. A iconografia é uma oração eloquente que dá força e purifica os olhos das tantas imagens contrárias do dia-a-dia. Contemplando o ícone, o cristão oriental recebe a segurança de que a peregrinação terrena, os momentos de perigo ou os momentos de felicidade representam o começo de uma vida melhor e plena. A veneração dos ícones na Igreja Oriental se baseia e se afirma no dogma da Encarnação de Deus que revela Jesus Cristo como Luz da Luz e Deus verdadeiro de Deus verdadeiro⁹.

A imagem religiosa é uma mensagem de outro mundo e também é profética. Mesmo que ainda não se saiba a real imagem de Cristo, o que interessa para a fé dos cristãos é a humanização de Deus. A imagem de Cristo foi retratada pelas Sagradas Escrituras como *kerigma* que nasceu do Espírito Santo e foi dado aos Apóstolos. O Espírito Santo dá as pessoas olhos capazes de reconhecer a Deus; e a Igreja as ajuda para não desvirtuarem do caminho do reconhecimento de Cristo apresentado pelos Salmos, pelos profetas e pelo Novo Testamento. Por isso, o ícone ultrapassa a dimensão individual e artística, já que está alicerçado pela transmissão católica da imagem de Cristo¹⁰.

A iconografia é o testemunho de quem entre na escola da Palavra e se deixa guiar por ela. O iconógrafo não pode deixar de ser um cristão crente. A iconografia não é, antes de tudo, uma arte assim como o iconógrafo não é um artista. Ela é uma ação, uma obra, um trabalho interior e exterior do ser humano por meio do Espírito Santo; e um caminho de perfeição cristã que exige conversão, adesão, docilidade, purificação penitência, ascese, luta, vida eclesial e litúrgica. Para poder permanecer fiel ao único Evangelho de Cristo, a iconografia possui os seus cânones porque assim, como a mensagem do Evangelho cria

⁸ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 23-26.

⁹ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 29-34.

¹⁰ PLAZAOLA, J. *Arte sacro actual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006, p. 314-320.

novos seres humanos, a iconografia exemplifica a imagem que os novos seres humanos devem possuir¹¹.

2. A iconografia a serviço da fé

A imagem sempre acompanhou a liturgia cristã. As igrejas bizantinas são revestidas “de afrescos ou mosaicos que representam eventos da história da salvação”¹². Desde a infância, as crianças recebem instruções sobre a iconografia e isso promove nelas a fé e o respeito. Os cristãos bizantinos têm uma maneira muito especial de se relacionar com o transcendente a partir da iconografia dentro das igrejas. Eles inclinam a cabeça, fazem orações e beijam os ícones, seguem uma ritualidade comum a todos.

Durante a Líteia¹³ o ícone de uma determinada festa é carregado solenemente pelo sacerdote e colocado na tetrápode¹⁴. Ele é incensado, ornado com flores e permanece pelo tempo de pós-festa determinado pelo *Tipicon*¹⁵. Portanto, a iconografia é parte integrante da liturgia bizantina e se aproxima às Sagradas Escrituras, como afirmam muitos dos Santos Padres e salienta pelo Concílio de Niceia II, realizado em 787, e que tratou da veneração das imagens sagradas contra a heresia iconoclasta. Graças à ação exercida pelo ícone, o cristão pode tirar proveito da salvação dada por Cristo, segundo os Evangelhos. Segundo a tradição oriental, a vida litúrgica é inseparável do ícone que é parte integrante da devoção particular. Na função litúrgica, o ícone consagra a natureza e faz a liturgia ser contínua, como preparação para a eterna liturgia celeste¹⁶.

Aquilo que o Evangelho nos diz com a palavra, o ícone nos anuncia com as cores e no-lo torna presente, afirma um Concílio oriental. Representando Jesus Cristo, a Mãe de Deus, os anjos ou os santos, o ícone os torna misteriosamente presentes e nisto ele se distingue perfeitamente de um quadro. Evidentemente, o lugar desta presença não é nem o pedaço de madeira, nem as

¹¹ BRAGANTINI, G. *A vida de Jesus em ícones*. Tradução: Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 19-20.

¹² SÍNODO DOS BISPOS. *Catecismo da Igreja Greco-Católica Ucrainiana*. Cristo – Nossa Páscoa. Tradução de Soter Schiller. Curitiba: Serzgraf, 2014, n. 612.

¹³ “Vésperas especiais que se celebram nas grandes festas litúrgicas. Tem também, em grego, o nome de *Agripina* que significa ‘sem sono’: provavelmente porque o ofício durava a noite inteira. *Lite* quer dizer ‘prece feita em procissão’, provavelmente porque na Vigília é feita uma procissão até o pórtico da igreja”. SCHILLER, S. *O sacrifício de louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2020, p. 196.

¹⁴ A tetrápode é uma “mesa que fica à frente e no centro da nave dos fiéis, na qual estão geralmente dois castiçais, um crucifixo e o ícone da festa corrente”. SCHILLER, S. *O sacrifício de louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2020, p. 198.

¹⁵ “Livro que contém as normas e rubricas litúrgicas da Igreja bizantina”. SCHILLER, S. *O sacrifício de louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2020, p. 198.

¹⁶ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 61-66.

cores, mas a semelhança com o protótipo, aquele que é representado no ícone, semelhança que deve ser reconhecida pela Igreja antes da bênção do ícone¹⁷.

Em muitas passagens das Sagradas Escrituras Jesus deixa-se encontrar, tocar, contemplar pelo caminho. As Sagradas Escrituras são uma obra do Criador e da criatura que levam todos ao conhecimento da fé que o fiel professa. Elas levam o crente a uma experiência de contemplação e abrem os olhos para a adesão na fé. Do mesmo modo, segundo Bragantini, o ícone se deixa olhar, tocar, beijar, assim como acontece com as Sagradas Escrituras. Assim, há uma estreita ligação entre as Sagradas Escrituras e a iconografia. O cristão peregrino pode tanto levar consigo um exemplar delas, como também um ícone, uma cruz, uma medalhinha, uma imagem que o remeta a sua fé, pois ele tem a capacidade de reconhecer o seguimento do Cristo da Palavra e do Cristo presente em um determinado ícone, ou seja, a iconografia remete à Palavra de Deus. Tornar a Palavra visível sempre esteve presente no cristianismo, então as Sagradas Escrituras são a fonte para que cada vez mais se possa “escrever” em sentido iconográfico¹⁸.

As paredes de igrejas, cada espaço seu, transfiguram-se em páginas vivas da Palavra, não com o objetivo primário de ensinar, mas para reunir, para unir, para proclamar, para mostrar, para ajudar. A igreja se veste de festa, de luz, das cores da luz, porque é o corpo de Cristo, porque é construída não com pedras duras, mas com pedras vivas; é a esposa pronta para o seu esposo, sem ruga, sem mancha. O ícone é belo, logo torna belos. Pinta-se para ficar bonito, para deixar transparecer a beleza, e o que é o belo para um crente senão as grandes obras que Deus fez para nós? Diante de um ícone, de uma parede, de uma folha, o crente “vê e escuta”¹⁹.

As pinturas medievais eram chamadas de “Bíblia dos pobres”, pois mesmo sem saber ler, os pobres podiam ver e crer. A iconografia também pode ser considerada como a Bíblia dos pobres para os pobres, porque, como está nas *Bem-Aventuranças*, deles é o Reino dos céus. A iconografia não afasta o ser humano de sua natureza para somente aproximá-lo de Deus, mas direciona o olhar para um caminho mais supremo de observação ao mundo amado. Ela faz com que o ser humano dê continuidade à obra da criação que é boa e bela, assim como era no princípio²⁰.

Para um cristão oriental, o espaço litúrgico sem um ícone é um espaço vazio. O ícone representa a presença real de Deus que se fez homem. O fiel reza diante de um ícone

¹⁷ DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 18-19.

¹⁸ BRAGANTINI, G. *A vida de Jesus em ícones*. Tradução: Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 11-13.

¹⁹ BRAGANTINI, G. *A vida de Jesus em ícones*. Tradução: Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 13.

²⁰ BRAGANTINI, G. *A vida de Jesus em ícones*. Tradução: Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 21.

como se estivesse diante do divino e é por meio da sua fé que a graça possibilita esse encontro. A iconografia, assim, apesar de seus cânones estabelecidos pela Igreja e preservado pelos artistas, ultrapassa a teologia especulativa e vai além dos seus aspectos para mostrar aos crentes a divindade²¹.

O cristão ocidental, por sua vez, admira a beleza do ícone, mas ignora a profundidade da teologia oriental, pois vê o ícone como uma arte religiosa, objeto de decoração e não como uma arte sacra. Segundo Tommaso, há autores que dizem que a união das Igrejas, separadas pelo Grande Cisma do ano 1054, pode se dar a partir dos ícones. É interessante notar que os papas João Paulo II e Bento XVI viram na iconografia oriental a autenticidade da fé cristã e a consideraram como a melhor representação da mistagogia sacramental e que, em sua forma delicada e constante, está permeando a fé dessacralizada do cristão ocidental²².

Alguns iconógrafos de tradição oriental fundamentam uma crítica aos novos estilos que a iconografia está tomando na cultura ocidental. Entretanto, segundo Gama, a Igreja nunca proibiu a evolução racional da arte sacra, desde que o artista não deturpe o ideal e corrompa as formas hierárquicas e se emancipem daquilo que é necessário para os templos. Ele apresenta o cânon 1164 do *Código de Direito Canônico* de 1917 determinava que a preparação das igrejas deveria ser observada pelas formas aceitas da Tradição Cristã, assim como as leis da arte sacra²³. Da mesma maneira, o *Código de Direito Canônico* de 1983, determina que “não seja edificada nenhuma igreja sem o consentimento expresso e escrito do Bispo diocesano”²⁴ e que “na construção e restauração de igrejas, usando o conselho de peritos, observem-se os princípios e normas da liturgia e da arte sacra”²⁵. Isso significa dizer que não se trata de um modelo definido *ad aeternum*, mas que obedeça às prescrições litúrgicas e corresponda à participação piedosa dos fiéis no culto sagrado, proporcionando recolhimento e euforia espiritual.

A Igreja é também de todos os tempos, lugares e países e por isso quer manter o espírito cristão tradicional que deve informar a verdadeira arte sacra. Então, as formas que observam os princípios da liturgia e da arte sacra não são aparências exteriores da obra

²¹ Cf. TOMMASO, W. S. de. *A imagem no cristianismo*. Disponível em: <https://www.academia.edu/15107260/>. Acesso em: 02 out. 2023, p. 14-17.

²² Cf. TOMMASO, W. S. de. *A imagem no cristianismo*. Disponível em: <https://www.academia.edu/15107260/>. Acesso em: 02 out. 2023, p. 14-17.

²³ Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 60.

²⁴ IGREJA CATÓLICA. *Código de Direito Canônico*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2022, c. 1215, § 1.

²⁵ IGREJA CATÓLICA. *Código de Direito Canônico*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2022, c. 1216.

que o artista, mas do espírito cristão que a marca, um espírito de colaboração com a liturgia²⁶.

Por conseguinte, deve trabalhar-se por que os artistas se sintam compreendidos, na sua atividade, pela Igreja e que, gozando duma conveniente liberdade, tenham mais facilidade de contatos com a comunidade cristã. A Igreja deve também reconhecer as novas formas artísticas, que segundo o génio próprio das várias nações e regiões se adaptam às exigências dos nossos contemporâneos. Sejam admitidas nos templos quando, com linguagem conveniente e conforme às exigências litúrgicas, levantam o espírito a Deus²⁷.

O ícone de maior significado para o espaço litúrgico é o Pantocrátor. Ele representa o Cristo todo poderoso, Senhor do universo, que sempre esteve em destaque nas primeiras igrejas²⁸. Na atualidade, o Pantocrátor participa da renovação promovida pelo Concílio Vaticano II para afirmar o senhorio de Cristo Ressuscitado e a proposta de voltar às fontes. O ícone do Pantocrátor mostra aos cristãos que não se trata apenas do Nazareno, mas do Jesus Cristo da história e da glória, que ainda está em nosso meio.

A iconografia está a serviço da fé do cristão que se dispõe a seguir os cânones da Igreja para escrever um ícone. Este, por sua vez, se encontra sempre em oração e comunhão com Deus. Ainda que uma pessoa elabore um ícone, o verdadeiro iconógrafo sempre será o Espírito Santo. O artista se torna somente um pincel na mão da Divindade. O sagrado apaga o eu, pois quem tudo determina é a Trindade²⁹.

O ícone transmite o conteúdo da Sagrada Escritura não sob a forma de um ensino teórico, mas de uma maneira litúrgica, isto é, de um modo vivo, dirigindo-se a todas as faculdades do homem. Transmite a verdade contida na Escritura à luz de toda a experiência espiritual da Igreja, da sua tradição. Por outras palavras, corresponde à Escritura, da mesma maneira que lhe correspondem os textos litúrgicos. Com efeito, esses textos não se limitam a reproduzir a Escritura tal qual, são como que tecidos dela: o ícone, representando visivelmente diversos momentos da história sagrada, transmite de forma visível o seu sentido e o seu significado vital; eis porque a unidade da imagem litúrgica e da palavra litúrgica tem uma importância capital, porque estes dois modos de expressão constituem uma espécie de controle de um sobre o outro; vivem a mesma vida e têm no culto uma ação construtiva comum³⁰.

A iconografia está a serviço de Cristo e da Igreja para transmitir o belo. Ela serve como testemunha da presença de Deus, tanto para o artista, quanto para todo o Povo de Deus que a contempla e a admira. O artista sacro sente Deus em si, o Espírito cria nele uma

²⁶ Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 56-61.

²⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 02 out. 2023.

²⁸ Cf. nota 2.

²⁹ Cf. TOMMASO, W. S. de. *A influência da arte bizantina*. Disponível em: <https://www.academia.edu/8312504/>. Acesso em: 02 out. 2023, p. 6-11.

³⁰ TOMMASO, W. S. de. *Arte sacra no Oriente e O ícone da Trindade Andrei Roulev*. p. 3-4. Disponível em: https://wilmatommaso.com.br/wp-content/uploads/2021/02/007_Arte_sacra_no_Oriente_e_O_icone_da_Trind.pdf.

imagem que ele externaliza para, assim, dar testemunho da fé que professa. Pode-se dizer também que todo o Povo, reconhecendo a imagem de Deus no ícone, dá testemunho de Sua presença nos seus louvores³¹.

A iconografia está selada pela fé e pode transmitir alguns ensinamentos evangélicos ou históricos da vida de Jesus, da Santíssima Mãe de Deus e também da vida dos santos. Ela pode servir como formação religiosa porque ela não serve apenas para decorar o ambiente, mas instrui nos acontecimentos da história da Salvação. Desse modo, a iconografia traz uma contribuição visual positiva para a iniciação à fé cristã porque também é próprio do artista cristão traduzir em formas sensíveis os conteúdos da fé e por os seus dons a serviço da comunidade³².

No processo de adesão à fé cristã os iniciados podem passar pelo maravilhamento inicial, mas depois de um tempo a exigência do evangelho pode se tornar um “peso” para aqueles que ainda não possuem o preparo e o condicionamento necessário para assumir as coisas “maiores” e assim, podem sentir um certo sofrimento no seguimento a Jesus Cristo. Além do mais, o Cristo Pantocrátor é o mesmo Cristo que passou pela cruz para chegar a glória, então o sofrimento é um tema da fé cristã e todos da comunidade passam por essa via para chegar a ressurreição. Então, a iconografia também pode chegar como uma aliada ao sofrimento que o cristão passa por professar a sua fé em Jesus Cristo. Ao começar pelo artista, ele também como um cristão sofre na criação do ícone. Gama faz um interessante paralelismo entre o sofrimento do artista e de toda pessoa quem adere a fé cristã.

Se eu quisesse estabelecer um paralelismo entre o sofrimento do artista com o sofrimento do cristão, na conquista da santidade, diria assim: Sofre o artista quando encarna, em sua obra, a ideia concebida; sofre o cristão quando transplanta para a sua alma o Modelo Divino. Sofre o artista quando renova a sua veia na inspiração cristã; sofre o cristão quando aprende alguma coisa nas fontes do Salvador. Sofre o artista quando leva a sua obra à plenitude da beleza; sofre o cristão quando se identifica com Cristo beleza em plenitude³³.

A iconografia, portanto, não passa pelo cristão sem uma indagação, sem uma provocação de suas virtudes, adquiridas por meio do sofrimento que lhe é característico, e que estão escondidas em sua santidade, beleza e perfeição. O artista caminha com Jesus para adquirir a intimidade e assim deixar-se guiar pelo Mestre que redimiu o mundo na Cruz. O processo se torna dolorido e é preciso ter fé para perceber que o sofrimento não é o fim, mas sim a glória.

³¹ Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 81-85.

³² Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 81-85.

³³ Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 67-68.

A arte sacra e a liturgia estão interligadas, são interdependentes, devem estar numa junção sincera e numa combinação perfeita. Essas duas disciplinas possuem o mesmo ideal de culto para aproximar a terra dos céus por meio de Cristo. Como parte da arte sacra, a iconografia está destinada ao culto cristão, à edificação dos fiéis pela piedade e instrução. A iconografia é serva fiel da teologia, da história e da Sagrada Tradição. Ela beneficia a liturgia, enriquece o Povo de Deus. Acolhendo o fiel no espaço litúrgico, ela também cria um clima de piedade e facilita a participação ativa e consciente de todos, por meio de suas formas de beleza espiritual. O ícone espiritualiza a matéria e, assim como a liturgia comunica ao povo que os sacramentos carregam os sinais da graça, ele comunica a beleza que transcende e eleva a Deus³⁴.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo traçar um caminho de aprofundamento acerca das características da iconografia e de como ela pode servir à fé cristã. A Igreja do Oriente já está familiarizada com esse tema. Não é difícil encontrar autores orientais que tratem desse assunto, uma vez que essa espiritualidade está encarnada em seu povo e é vivenciada liturgicamente todos os dias. A iconografia é uma riqueza que foi negligenciada pelo Ocidente, mas, na atualidade, os papas e muitos comentadores e liturgistas buscam resgatar essa preciosidade. Sendo assim, o tema da iconografia para a iniciação à fé cristã é sempre algo novo, mesmo se tratando de algo antigo. Os cristãos da atualidade, não apenas os novos, são convidados a percorrer o caminho da contemplação do ícone para verem Deus de uma maneira renovada, o Deus oculto nas Sagradas Escrituras e na fé.

Ao observarmos a História da Igreja, constatamos muitas mudanças na arte sacra e percebemos um desenvolvimento contínuo. O tempo passa, algumas culturas desaparecem, sendo superadas por outras, mas a iconografia permanece como parte integrante da liturgia para toda a Igreja. A liturgia foi se remodelando ao longo da história; existem elementos do passado que já não atendem mais às necessidades litúrgicas contemporâneas, porém a iconografia ainda se mantém como uma serva. Apesar de sua técnica antiga, a revelação iconográfica não ocorre somente em seus materiais, mas na experiência que o fiel vivencia. A iconografia será sempre relevante na Igreja, pois não

³⁴ Cf. GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979, p. 93-95.

visa a fazer a comunidade regressar ao passado e estacionar ali, mas busca impulsionar todos em direção a união com Deus.

A iconografia serviu e continua a servir a Igreja em todos os níveis e aspectos proporcionados pelo caminho da fé a cada indivíduo. Trata-se de uma centelha do desejo humano pelo divino e, conforme muitos santos e iconógrafos testemunharam, é também uma janela para a eternidade. Estar diante de um ícone é ter uma experiência completa da fé, pois a iconografia mostra o caminho que o cristão deve seguir em sua vida e o futuro que o espera. A partir da iconografia, a Terra e os Céus se encontram, pois Deus permite que o cristão abra os olhos da fé para contemplar a Sua beleza e perfeição.

Referências

BRAGANTINI, G. *A vida de Jesus em ícones*. Tradução de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 02 out. 2023.

DONADEO, M. *Os ícones: imagens do invisível*. Tradução de Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1996.

GAMA, I. *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora: [s.n.], 1979.

IGREJA CATÓLICA. *Código de Direito Canônico*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

PASTRO, C. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PLAZAOLA, J. *Arte sacro actual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

SCHILLER, S. *O sacrifício de louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. *Catecismo da Igreja Greco-Católica Ucrâniana*. Cristo – Nossa Páscoa. Tradução de Soter Schiller. Curitiba: Serzgraf, 2014.

TOMMASO, W. S. de. *A imagem no cristianismo*. Disponível em: <https://www.academia.edu/15107260/>. Acesso em: 02 out. 2023.

TOMMASO, W. S. de. *A influência da arte bizantina*. Disponível em: <https://www.academia.edu/8312504/>. Acesso em: 02 out. 2023.

TOMMASO, W. S. de. *Arte sacra no Oriente e o ícone da Trindade Andrei Roublev*. Disponível em: https://wilmatommaso.com.br/wp-content/uploads/2021/02/007_Arte_sacra_no_Oriente_e_O_icone_da_Trind.pdf. Acesso em: 02 out. 2023.